

O DISTANCIAMENTO FAMILIAR NA FORMAÇÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO NA REDE PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE SOORETAMA/ES

Carolina dos Santos PERES¹

Graduanda em Pedagogia
Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli)

Dhiolly Emiliano ALVES²

Graduanda em Pedagogia
Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli)

Márcia Perini VALLE³

Professora do Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior de Linhares
Mestre em Educação, Administração e Comunicação pela Universidade São Marcos/SP

RESUMO

A relação entre a família e a escola tem sido um tema discutido no âmbito educacional da atualidade. Apesar da importância e da necessidade do acompanhamento da família na formação escolar dos filhos (as), muitos entraves ainda persistem. Nesse sentido, este trabalho objetiva investigar as implicações que ocorrem quando não há apoio da família em relação à formação escolar dos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. Assim, a metodologia utilizada privilegiou uma revisão bibliográfica sobre o assunto em questão e uma pesquisa de campo, realizada por meio de um estudo de caso. Para isso, foram realizadas entrevistas com familiares de estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental de duas escolas municipais e com as respectivas equipes gestoras em Sooretama/ES. Os resultados e conclusões desse estudo apontam que realmente a família é essencial para a formação escolar dos filhos e, além disso, ficou claro que há distanciamento familiar na formação escolar. Diante desses fatores, também se pode afirmar que a escola apresenta dificuldades de encontrar estratégias que estabeleça a participação devida e o bom relacionamento com as famílias.

Palavras-chave: Relação família-escola. Educação escolar. Ensino Fundamental.

FAMILY DISTANCE IN SCHOOL EDUCATION: A CASE STUDY IN THE PUBLIC NETWORK IN THE CITY OF SOORETAMA/ES

ABSTRACT

The relationship between the family and the school has been a topic discussed in the educational field of today. Despite the importance and need for family monitoring in the school education of children, many obstacles still persist. In this sense, this work aims to investigate the implications that occur when there is no support from the family in relation to the school education of students from the early years of elementary school. Thus, the methodology used favored a bibliographic review on the subject in question and a field research, carried out through a case

¹Endereço eletrônico: karolsantosp@live.com.

²Endereço eletrônico: dhiolly_dhy16@hotmail.com.

³Endereço eletrônico: marciapvalle@gmail.com.

study. For this, interviews were carried out with family members of students in the early years of elementary school in two municipal schools and with the respective management teams in Sooretama/ES. The results and conclusions of this study point out that the family really is essential for the school education of children and, moreover, it was clear that there is family distancing in school education. In view of these factors, it can also be affirmed that the school has difficulties in finding strategies that establish due participation and good relationships with families.

Keywords: Family-school relationship. School education. Elementary School.

Introdução

Há estudos acerca da relação família e escola que apontam para a importância e a necessidade do acompanhamento dos pais e/ou responsáveis no desenvolvimento educacional dos filhos. Tais pesquisas apresentam resultados satisfatórios desse envolvimento e mostram possíveis causas e consequências da participação, seja ela ativa ou não.

Nossa reflexão dedicou-se a essa realidade em virtude das experiências nos estágios realizados durante o curso de Pedagogia. Ademais, foram observadas pessoas que passam por essas situações complexas pelo fato de haver dificuldades em uma das partes essenciais do processo de desenvolvimento da criança: a família.

Outrossim, o objetivo é investigar as implicações que ocorrem quando não há apoio dos familiares em relação à formação escolar dos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental e conhecer a realidade do conjunto familiar, a fim de identificar de que forma a família faz parte do contexto escolar da criança e se a participação efetiva ou não, interfere e impacta no processo de ensino-aprendizagem. Essa análise se baseia na percepção de que a família é o primeiro grupo educador e responsável pela formação do indivíduo, além de uma forte influenciadora de valores ideológicos. É indispensável, então, enxergar a complexa responsabilidade dessa instituição no desenvolvimento intelectual de um indivíduo.

O trabalho constitui-se de revisão bibliográfica e de pesquisa de campo. Assim, a revisão bibliográfica teve, como embasamento, documentos legislativos e autores, dentre os quais destacamos Bock, Furtado e Teixeira (2001), Crepaldi (2017) e Carvalho (2000). A pesquisa de campo ocorreu por meio de um estudo de caso com entrevista realizada com as famílias dos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental de duas escolas municipais de Sooretama/ES e a equipe gestora de uma dessas escolas.

A metodologia foi utilizada como forma de sustentar a base teórica e promover

uma análise significativa da realidade para responder e discutir sobre o problema indagado na pesquisa: A ausência do apoio familiar na escola influencia na formação escolar dos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental? Quais são os impactos que isso pode ocasionar?

A importância da participação da família na educação escolar

É importante saber e discutir sobre a participação da família na escola. É, nessa instituição, que são desenvolvidos fortes valores ideológicos, éticos, morais que podem perdurar por toda uma vida. Assim, compreender o papel da família é necessário para promover um bom relacionamento e responsabilidade em relação à escola.

O conjunto familiar é o primeiro grupo integrador, socializador e de referência para a vida da criança e, dentro dessa perspectiva, ele é responsável pelas decisões que se relacionam à sua formação. A partir disso, são capazes de propiciar relações significativas para o desenvolvimento e formação de conhecimentos, capacidades e habilidades (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001).

Berla e Henderson (*apud* CARVALHO, 2000, p.44-45) afirmam que

A pesquisa educacional americana, por exemplo, vem focalizando o envolvimento dos pais na educação como um recurso para o sucesso escolar desde a década de 60, quando o famoso Relatório Coleman (Coleman et. al., 1966) apontou a importância das características familiares (em detrimento dos recursos físicos e financeiros escolares) na explicação do aproveitamento escolar inferior das minorias étnicas. [...]. Nesse sentido, desde 1982, a Associação Americana de Pesquisa Educacional – Aera - tem um grupo denominado Famílias como educadoras, com o objetivo de estudar os processos sociais na família e as relações casa-escola que apoiam a educação e o desenvolvimento infantil (Families as Educators, 1996). De fato, a produção científica sobre o tema tem crescido significativamente.

A partir desse dado, fica ainda mais evidente o quão importante e necessário é a instituição familiar. Além disso, desde a década de 60, já se discute sobre essa grande influência que a família tem. É possível compreender até o momento em que o conjunto familiar pode vir a afetar, de maneira significativa, a vida das crianças.

Ainda sobre a pesquisa, o *National Education Goals Panel*, discute que

[...] a política educacional americana [...] é corroborada por um conjunto de pesquisas que sugerem que o maior envolvimento dos pais está associado a melhores notas em matemática e linguagem, menor probabilidade de suspensão, expulsão ou evasão escolar, e maior participação do estudante em atividades extracurriculares (CARVALHO, 2000, p.45).

Com base no que foi dito acima, percebe-se que os estudantes passam a se interessar mais pelos estudos quando realmente sentem que há o envolvimento dos responsáveis na rotina escolar. Nesse contexto de apoio, ficam mais confiantes para aprender e desenvolver habilidades necessárias à sua formação. Crepaldi (2017, p.8) diz que, “[...] criança que advém de uma família que valoriza a escola e mantém com a instituição um relacionamento em que o interesse é o ensino-aprendizagem, apresenta melhor desenvolvimento sócio cognitivo e aprende mais”.

Sendo assim, nota-se que, com uma boa estrutura familiar, a criança tem um espaço saudável, propício ao desenvolvimento. A atenção dos responsáveis se torna primordial e favorável a partir do momento em que as ações e o tempo deles se concentram em auxiliar em relação aos aspectos necessários que são estabelecidos na escola. Tiba (2002, p. 3) enfatiza que “[...] quando a escola, o pai e a mãe falam a mesma língua e têm valores semelhantes, a criança aprende sem grandes conflitos e não quer jogar a escola contra os pais e vice-versa”.

É importante pontuar que, atualmente, a estrutura familiar está diferente de tempos passados (pai, mãe e filhos). Nessa nova formação, observam-se grupos familiares distintos como bem pontua Bock, Furtado e Teixeira (2001, p.247)

Atualmente, é impossível não-enxergar – vários estudos antropológicos e mesmo reportagens em revistas, jornais e TV mostram – que existem muitas e inúmeras formas de estrutura familiar: a família de pais separados que realizam novas uniões das quais resulta uma convivência entre os filhos dos casamentos anteriores de ambos e os novos filhos do casal; a família chefiada por mulher (em todas as classes sociais), a nuclear, a extensa, a homossexual, enfim, observa-se uma infinidade de tipos que a cultura e os novos padrões de relações humanas vão produzindo. Isso sem considerarmos culturas bastante diferentes, como os grupos indígenas, por exemplo.

Mesmo que a estrutura do lar seja diversificada e não esteja mais no padrão de estrutura “pai, mãe e filhos”, é importante que a essência e o significado de educação e família permaneçam os mesmos, independentemente das diferentes ramificações

familiares.

Ferrari e Kaloustian (2004, p.11-12) afirmam que:

A família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Assim, o conjunto familiar é a base principal de um indivíduo, pois é a primeira base que deve prevalecer na educação dos filhos. Em suma, com a presença dos pais e/ou responsáveis na educação dos filhos, a escola conseguirá alcançar aprendizagens mais significativas na formação do indivíduo. Por isso, ambas precisam compreender o seu papel, a fim de contribuir para o desenvolvimento do estudante em aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

Fatores que afastam a família da vida escolar do estudante

A rotina pedagógica dos professores e gestores da escola põe, em evidência, um fato: a forma e a intensidade das relações entre escolas e famílias variam consideravelmente e estão relacionadas a fatores que influenciam na prática educacional, entre as quais se destacam a estrutura e a tradição de escolarização das famílias, classe social, meio urbano ou rural, número de filhos, ocupação dos pais, entre outros fatores. Não obstante essa boa relação entre família e escola, em muitos momentos, essa parceria se encontra distanciada.

Além disso, é importante deixar claro que, nesse momento de análise de fatores que afastam as famílias da vida escolar dos filhos e da escola, não é justo depositar a culpa somente nas mãos dos familiares, pois a escola também apresenta falhas nesse percurso. Conforme Paro (2000, p.120), é de extrema importância a participação da família na escola, contudo ressalta pontos importantes para a concretização disso:

Uma dimensão importante da participação dos pais na escola, seja integrando o conselho da escola ou a APM, seja tomando parte de outras atividades, como o grupo de formação de pais, é da atenção que se deveria ter para com os motivos dessa participação, procurando saber qual o ponto de vista dos usuários a respeito.

Portanto, muitas vezes, a presença dos responsáveis pelas crianças não é satisfatória na escola, porque não recebem um comunicado sobre essa necessidade. Há casos, ainda, em que os pais desconhecem o motivo da reunião e, por isso, não consideram necessária a sua presença.

Nesse contexto, Soares (2010, p.9) observa que:

A família somente é lembrada pela escola quando há problemas ocasionados pelos(as) alunos(as) no ambiente escolar. Neste sentido, muitos pais acabam se afastando da escola, percebendo esta como um lugar negativo, já que poucas atividades recreativas e prazerosas são oferecidas a eles na escola. A escola deveria ser o ponto central de uma comunidade, um local onde todos pudessem participar e ter acesso.

Ademais, acreditamos que esse seja também um dos impasses para que essa ação não esteja ainda sendo concretizada. Além disso, nas últimas décadas, deparamo-nos com mudanças no campo do comportamento familiar. As mulheres entraram no mercado de trabalho, em busca de liberdade e de participação econômica no orçamento familiar. Com isso, desempenham vários papéis, precisando conciliar as funções acumuladas por conta da escolha de ser mãe, esposa e profissional (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001).

Em tempos contemporâneos, a falta de tempo é um dos fatores que afasta também as famílias da escola, seja nas cidades, ou mesmo nas áreas rurais. No entanto, essa realidade não pode servir de desculpa para a falta de contato. Crepaldi (2017, p.7-8) destaca que:

Embora saibamos que, em muitos casos, os pais precisam trabalhar para garantir o sustento da família e que o tempo se torna escasso para se dedicarem à educação de seus (suas) filhos (as), é preciso encontrar um momento em que possam dialogar com eles (as), provar interesse pela vida escolar e demonstração de afeto.

É extremamente importante para a criança que os pais se interessem pelo seu progresso na escola, pois essa participação pode vir a resultar em conquistas muito satisfatórias para o estudante, seus responsáveis e também para a instituição escolar.

Essa ação pode ser feita perguntando o que a criança fez na escola, acompanhando o boletim, auxiliando nas atividades, comparecendo às reuniões de pais e mestres, dentre outras coisas. A escola deve deixar claro para os pais a importância dessas e outras atitudes, desde as menores reuniões. Santos (2014, p.22) explana que:

Quando se pensa em educação, primeiramente são enfatizadas

propostas educacionais voltadas para uma educação séria, responsável e com propósitos voltados na participação da família, pois sabe-se que por melhor que seja uma escola e por mais preparados que sejam sua equipe pedagógica, haverá falhas. Devido a isso é necessário à participação efetiva e constante da família no processo de aprendizagem da criança.

A instituição escolar e a família devem agir em conjunto. A própria escola tem de mostrar coesão e transparência em relação à família de seus estudantes. Corroborando essa ideia, observamos que é por meio dessas relações que os seres humanos tendem a se tornar mais afetivos e receptivos e aprendem a viver a afetividade de maneira adequada. No entanto, para que essa adequação ocorra, é preciso que haja referências positivas de responsáveis encarregados de mostrar os limites necessários ao desenvolvimento de uma personalidade com equilíbrio emocional e afetivo. Crepaldi (2017, p.6) destaca ainda que:

Não cabe, portanto, à escola a tarefa básica de educar, mas sim a família, é ela que deve proporcionar as noções de limites e respeito, para que a criança possa desenvolver os valores morais e comportamentais básicos. A noção do certo/errado e a internalização destes códigos de valores desenvolverá o autocontrole para que a criança possa ter um bom convívio em sociedade.

O ser humano passa por muitas transformações ao longo da vida e pode vir a ser influenciado pelo meio que o cerca. Sendo assim, a estrutura familiar deve ser essa boa influência para a criança, principalmente nos primeiros anos, momento em que o caráter é moldado.

No momento em que escola e família conseguirem estabelecer uma parceria na maneira como irão promover a educação dos educandos, os eventuais conflitos que possam surgir, em sala de aula, serão mais escassos. É importante o comprometimento e o envolvimento da família com a instituição escolar, de maneira que gere cuidado, proteção e valorização do ser humano.

Desse modo, necessita-se de uma aproximação com a realidade do estudante, da própria comunidade na qual ele/ela está inserido (a) e do apoio e da coesão familiar. Todos esses fatores somados podem proporcionar às crianças uma estrutura equilibrada e sadia, gerando novos conhecimentos para formar cidadãos conscientes de seu papel na sociedade e capazes de interagir e intervir na realidade.

Além disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) preconiza que "[...] é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem

como participar da definição das propostas educacionais". Ou seja, trazer as famílias para o convívio escolar já está prescrito no Estatuto, o que está faltando é concretizá-lo, é pôr a Lei em prática. Assim, a família e a escola são pontos de apoio ao ser humano e sinais de referência existencial.

Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais significativos serão os resultados na formação do educando. A participação dos responsáveis na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente, pois vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares.

Encaminhamento metodológico

Segundo Köche (*apud* ZANELLA, 2011, p.18) “[...] o que leva o homem a produzir ciência é a busca por respostas dos problemas que levam à compreensão de si e do mundo em que ele vive”. Com base nessa premissa, observa-se que uma das necessidades do homem é compreender o mundo no qual está inserido. Portanto, busca-se, por intermédio desta pesquisa, alcançar informações que sejam pertinentes para análise, além de solucionar as indagações apresentadas.

O estudo de caso foi realizado em uma escola localizada no bairro Salvador, na cidade de Sooretama, no estado do Espírito Santo, que acolhe uma comunidade constituída por um grande número de pessoas de baixa renda. Para dar sustentação ao trabalho, utilizamos revisão bibliográfica e pesquisa aplicada. A revisão bibliográfica, objetiva dar fundamentação e sustentação à pesquisa.

Na parte empírica, utilizou-se, como instrumento, entrevista realizada com as famílias de estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental de duas escolas municipais de Sooretama, além de entrevista com a equipe gestora. O roteiro da entrevista direcionada aos pais dos estudantes contém 13 questões, enquanto o roteiro da entrevista direcionada à gestão escolar (dirigente escolar, pedagogos e coordenadores de turno) contém 11 questões.

A pesquisa foi, a princípio, pensada para ser realizada em uma única instituição no município, mas devido à quantidade insuficiente de participação, houve a necessidade de recorrer a uma outra escola e, assim, obter resultados proporcionais para serem analisados.

A análise dos dados coletados por meio de entrevistas individuais com as

famílias e com a gestão escolar teve o objetivo de aproximar o contexto da escola com a problemática da pesquisa para obter resultados, sejam eles positivos e/ou negativos, de forma a direcionar o olhar para as metodologias de ensino e práticas pedagógicas utilizadas.

Todas as perguntas têm, como objetivo, conhecer a ação das partes em relação à funcionalidade da aprendizagem da criança dentro e fora do ambiente escolar, além de entender o impacto da presença da família na escola. Os dados foram analisados de forma contextualizada e são apresentados de maneira mais detalhada.

Resultados e discussões

Inicialmente, a entrevista foi planejada para acontecer em uma instituição que, no decorrer da discussão, receberá o nome de escola A. Ela fica localizada no Bairro Salvador, uma região com a concentração de uma comunidade em condições de maior vulnerabilidade, que acolhe uma quantidade de 450 estudantes do ensino fundamental I.

Procuramos a escola e solicitamos a realização da pesquisa e, a partir da aceitação, elaboramos um convite explicativo, que fosse encaminhado para uma turma de aproximadamente 30 crianças e entregue aos responsáveis para comparecimento ao ambiente escolar. Esses pais seriam os entrevistados. Contudo, a Escola A, informou sobre a dificuldade da participação da família no ambiente. A escola cedeu o espaço, porém não ofereceu apoio significativo para ajudar a estabelecer um canal de comunicação com os pais. Além disso, não foi oferecida a disponibilidade da equipe gestora.

No dia seguinte, fomos à escola como proposto no convite e esperamos pelas famílias, porém não houve comparecimento. Então, ao conversar com a pedagoga, houve a disponibilidade de quatro funcionárias, de dentro da própria escola, que têm filhos/netos matriculados no ambiente escolar, para realizar a entrevista.

Vendo que a quantidade não era proporcional para obter resultados pertinentes, houve a necessidade de buscar outro ambiente que, no decorrer da discussão, foi nomeada como escola B. Essa instituição fica localizada no centro da cidade, com a população variável em diferentes classes sociais, composta pela quantidade de 498 estudantes, também do ensino fundamental I.

Ao abordar a escola, a equipe obteve um acolhimento muito satisfatório para

pesquisa, recebeu um direcionamento por parte de toda a equipe gestora. A partir disso, solicitamos a entrega dos convites para duas turmas, com aproximadamente 30 estudantes cada. A escola, a princípio, relatou-nos sobre a dificuldade de ter a presença da família, em virtude do trabalho diário dos responsáveis e pelo fato de muitas crianças utilizarem o transporte escolar.

No dia seguinte, para a entrevista, obteve-se a participação de quatro responsáveis, sendo uma mãe, funcionária da instituição, e outras três pessoas que trabalham fora da escola, mas que são responsáveis pelas crianças. Também houve total participação do grupo gestor (pedagogo e coordenador). Todavia um pai apresentou rejeição, pois tratou a entrevista como algo irrelevante, de cunho pessoal, sem benefício para ele, questionando o tempo que precisou disponibilizar para comparecer ao local, ou seja, viu como algo totalmente desnecessário. Considera-se necessária a exposição desse fato para fortalecer os resultados posteriormente.

Perfil familiar dos entrevistados

Para conhecer um pouco o perfil socioeconômico das famílias entrevistadas, foi questionado sobre a composição familiar, ou seja, quantas pessoas residem na casa e quem são. As respostas foram:

- 4 Pessoas: Mãe, Pai, filha e irmã mais velha.
- 3 pessoas: Mãe, filha e a avó.
- 4 pessoas: Tia, tio, filha e a sobrinha.
- 3 pessoas: Avó, avô, neto.
- 3 pessoas: Mãe, Pai, Filha.
- 3 pessoas: Mãe, pai e filha.
- 3 pessoas: Mãe, pai, filho.
- 3 pessoas: Mãe, pai, filha.

Das 8 (oito) famílias entrevistadas, em 3 (três) delas, ficou evidenciado na resposta a ausência da figura do pai, em 2 delas, ausência também da mãe, aparecendo a figura tia-tio e avó-avô. Isso nos remete ao fato de que a estrutura de pai-mãe-filho já não é mais uma organização fixa, sofrendo alterações conforme já anunciado por Bock, Furtado e Teixeira (2001) neste estudo.

Sobre a escolaridade dos pais ou responsáveis pelo estudante, os resultados obtidos foram:

- Mãe: Ensino fundamental incompleto / Pai: Ensino fundamental completo.
- Mãe: Graduada em ciências biológicas / Pai: Ensino médio completo.
- Tia: Graduada em Pedagogia / Tio: técnico em contabilidade.

- *Avó: Ensino médio completo / Avô: Ensino Médio completo.*
- *Mãe: Ensino médio completo / Pai: Ensino médio completo.*
- *Mãe: Ensino médio completo / Pai: Ensino médio completo.*
- *Mãe: Ensino médio completo / Pai: Engenheiro civil.*
- *Mãe: Nunca estudou / Pai: Ensino fundamental incompleto.*

A escolaridade dos entrevistados mostra que a maior parte dos responsáveis possui ensino médio completo ou alguma graduação. Apenas uma família afirmou que a mãe apresenta fundamental incompleto e o pai, completo; e outra que a mãe nunca estudou e o pai não completou o ensino fundamental. No entanto, é importante destacar que 95% do resultado obtido vem de pessoas que trabalham nas escolas entrevistadas.

Os dados obtidos sobre a renda familiar dos responsáveis pelos estudantes foram:

- *Aproximadamente de 3 salários mínimos.*
- *1 salário mínimo.*
- *Aproximadamente 3 mil reais.*
- *Aproximadamente 3 mil reais.*
- *Aproximadamente 1500 reais.*
- *Bolsa família/ Pai Guarda noturno.*
- *Aproximadamente 3.500 reais.*
- *Salário pai e mãe, aposento do pai.*

A renda familiar dos entrevistados está em torno de 1 a 3 salários mínimos, com exceção de duas famílias: uma recebe o bolsa família e o salário da profissão de guarda noturno; outra que, além do salário do pai, recebe ainda a aposentadoria também do pai, mais o salário da mãe.

Em relação aos casos em que os responsáveis recebem auxílio do governo/cadastro em programa de assistência social, 75% afirmaram que não recebem auxílio e não têm cadastro em programa de assistência social, 12,5% disseram receber o Bolsa Família e 12,5% afirmaram estar inscritos no Cadastro Único (instrumento de coletas de dados para identificação de todas as famílias de baixa renda). Diante desse cenário, podemos constatar que a maior parte dos grupos, independente do governo, se mantém a partir do próprio trabalho, seja em serviços rurais, ou de colaboradores em empresas, dentre outros. Vale ressaltar que 95% do público entrevistado são de pessoas que trabalham dentro das escolas e apenas 5% corresponde a famílias do ambiente externo.

Na entrevista, foi também discutido se, na família, havia alguém com problemas de alcoolismo ou uso de drogas. Das oito pessoas, foi possível constatar que nenhuma família afirmou que enfrentou ou enfrenta esses problemas. Os resultados apontam para

o descarte de eventuais transtornos dentro desse cenário. Porém, vale aqui destacar que 95% das pessoas entrevistadas trabalham no ambiente da escola em que a pesquisa foi feita. Esse cenário deixa abertura para uma indagação: se grande parte das pessoas entrevistadas não fossem funcionários das escolas, o resultado da entrevista seria diferente?

Quando questionados se trabalham fora de sua residência, as respostas foram:

- Mãe trabalha na escola / Pai trabalha fora da residência.
- Mãe trabalha na escola / Não tem a presença do pai.
- Tia trabalha na escola / Tio e prima trabalham fora da residência.
- Avó trabalha na escola / Avô trabalha fora da residência.
- Mãe é dona de casa / Pai trabalha fora da residência.
- Mãe é dona de casa / Pai trabalha fora da residência.
- Mãe é dona de casa / Pai trabalha fora da residência.
- Mãe é dona de casa / Pai trabalha fora da residência.
- Mãe trabalha na escola / Pai trabalha fora da residência.

Foi indagado aos pais se eles trabalham fora da residência, com o intuito de saber com quem o filho/neto/sobrinho fica na ausência deles. Essa indagação foi feita porque esse ponto pode vir a influenciar na educação das crianças. Em três famílias, as mães são donas de casa e apenas os parceiros trabalham o dia todo fora da residência. Das outras cinco famílias, um dos responsáveis (mãe, tia, avó) trabalha no ambiente escolar e mantém a criança estudando nesse horário, e o parceiro também trabalha fora em alguma empresa. Apenas uma família não apresenta a figura paterna, a mãe é quem mantém o sustento da casa e que, além de trabalhar fora, é responsável total pela educação, apoio e participação na vida escolar da filha.

Outra questão levantada foi sobre o tempo destinado para auxiliar as crianças nas atividades, o familiar entrevistado afirmou que,

- Auxilia a criança quando a mesma solicita.
- Olha diariamente o caderno da criança e auxilia nas atividades.
- Dedica pouco tempo para auxiliar a criança.
- Auxilia a criança quando a mesma solicita.
- Olha diariamente o caderno da criança e auxilia nas atividades.
- Dedica pouco tempo para auxiliar a criança.
- Olha diariamente o caderno da criança e auxilia nas atividades.
- Não auxilia nas atividades escolares da criança.

Em relação ao tempo designado ao apoio à criança nas atividades, três famílias relataram que possuem o hábito de olhar o caderno diariamente e auxiliar nas atividades escolares em torno de aproximadamente 1 (uma) hora por dia. Duas famílias disseram que ajudam, caso a criança solicite e/ou apresente dificuldade, mas essa não é uma

atitude frequente. Duas outras afirmaram que dedicam pouco tempo e de forma esporádica. Uma única família, dentro das oito entrevistadas, disse abertamente que não auxilia nas atividades escolares da criança devido à rotina e à falta de tempo, pois trabalham o dia todo e quando estão em casa, têm ainda os serviços domésticos para fazer.

Esses pontos levantados mostram que a maioria das famílias destina pouco tempo para se dedicar diariamente aos estudos das crianças. Como foi dito anteriormente, acontece esporadicamente, e/ou quando o filho (a)/neto/sobrinha pede ajuda. Fica evidente que, mesmo que a família passe algum tempo com a criança, o apoio e a participação não é algo estabelecido de forma concreta.

Sobre as atividades realizadas pela família no período em que estão juntos, as respostas foram:

- *Viajar, parque aquático, visitar algum parente que mora fora da cidade.*
- *Assistir filme, maquiagem e jogos de tabuleiro.*
- *Jogar dominó e bola.*
- *Ir à Igreja / neto gosta muito de usar celular.*
- *Jogar dominó.*
- *Brincar de casinha no quintal.*
- *Lagoa, praia, shopping.*
- *Não acontecem com frequência, devido à falta de tempo.*

Em relação às atividades que são realizadas pela família quando estão juntos, os resultados mostram que os responsáveis buscam propor momentos de lazer e brincadeiras com a criança. Uma família abordou que a criança gostava muito de usar o celular. A avó disse que, por um momento, isso chegou a comprometer o rendimento escolar do neto, por isso interveio e passou a estabelecer limites, o que fez com que conseguisse a volta da criança para o desenvolvimento na aprendizagem. Em relação aos dados obtidos, podemos notar que uma família não discorre sobre algum momento de lazer, apenas relata que dificilmente tem esses momentos devido à falta de tempo, por questão do trabalho e rotina da casa.

Ao serem questionados se mantêm diálogo frequente com a professora e se participam das reuniões de pais promovidas pela escola, 62,5% afirmaram que, embora estejam presentes e trabalhando dentro da instituição, não mantêm um diálogo frequente com a professora, mas afirmam participar das reuniões. Desses responsáveis abordados, um afirmou que, mesmo estando presente na escola, não tem o costume de conversar com a professora. Diz que “só quando é chamada para dar uma bronca”, ou seja, quando

há algum questionamento da professora. Ainda sobre essa questão, 12,5% disseram que não participam das reuniões, embora ajudem a organizá-la, mas por questões próprias do trabalho e 37,5% afirmaram que têm o costume de ir à instituição com frequência para conversar com a professora e participar das reuniões.

Sobre a reprovação e quantidade de vezes que o responsável foi ao ambiente escolar nos últimos seis meses, concluiu-se que, das oito famílias entrevistadas, 62,5% dos responsáveis, por trabalharem na escola, têm um contato mais frequente com os professores, 25% relataram já ter ido três vezes na instituição para saber sobre o desempenho dos filhos, enquanto 12,5% afirmaram que chegaram recentemente na cidade. De todos os entrevistados, nenhum estudante passou por alguma reprovação escolar.

Em suma, é possível perceber que, das pessoas entrevistadas, 62,5% têm os filhos no 3º ano, enquanto 12,5% têm os filhos no 1º ano e 25% no 2º ano. Todos ainda estão cursando os três primeiros anos do ensino fundamental em que a promoção é automática, por isso não há registros de reprovação, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Vale ressaltar que a alfabetização é um processo complexo para as crianças e é desenvolvido durante os anos iniciais de sua escolarização. Nesse ciclo inicial, a não retenção é uma forma de garantir tempo para que o estudante se desenvolva e seja valorizado em cada etapa do processo de aprendizagem.

Conhecendo as ações desenvolvidas pela escola

A entrevista, que foi realizada apenas com a equipe gestora da escola B, contou com a participação da pedagoga escolar e do coordenador da instituição do turno matutino.

Quando abordados sobre a relação da escola com a família, os profissionais relataram que é boa, porque procuram ter uma conexão direta com a comunidade. Relataram, ainda, que buscam comunicação quanto à rotina da escola para informar o que acontece com as crianças e trazer as famílias para fazer parte do processo de aprendizagem.

Os eventos que a escola propõe para conseguir aproximação da família são reuniões. Afirmaram que, quando há um caso específico, como a escola mesmo diz

“extraordinário”, a família é convocada. A maioria das famílias trabalham no meio rural, então, a instituição procura, sempre que possível, fazer os eventos nos dias em que os pais conseguem participar.

Ao perguntar à gestão quantas famílias são presentes na escola, de um total de 100 estudantes, os profissionais entrevistados afirmaram que, dentro dessa perspectiva, aproximadamente 80 famílias participam. O restante, quando não conseguem contato por telefone, a equipe envia um bilhete como forma de estabelecer conexão. A escola relata que, ao fazer isso, obtém retorno.

Sobre as dificuldades da escola em efetivar a participação da família, a instituição afirma que a rotina da família é um fator determinante na situação, pois os responsáveis precisam trabalhar e, para estar na escola participando, eles precisam faltar ao serviço. Isso, por vezes, é descontado no salário deles e, no caso de famílias que recebem cesta básica do trabalho, correm o risco de perder também. A equipe afirmou que o mês da entrevista (maio) é um período complicado do ano, visto que a colheita do café na cidade está no auge. Isso provoca ainda mais distância, porém, quando os próprios pais não podem ir à escola, mandam os avós, ou alguma pessoa próxima à criança.

Em relação às situações em que a família é chamada para conversar, a pedagoga e o coordenador expõem que é em casos de dificuldades de aprendizagem, de ocorrências que acontecem no dia a dia e também para elogiar, deixando claro que o contato não se dá apenas para pontos que requerem atenção e intervenção. Eles abordaram que a escola tem projetos que incluem muito a participação do grupo familiar, como: projeto de aluno nota 10 (dez) no trimestre, até mesmo como forma de incentivar os outros, dia da família na escola e o projeto que propõe a família ir à escola apresentar algo com o filho.

Dentro dessas ações, o que é mais enfatizado para o diálogo com a família é o comportamento, a relação do processo de aprendizagem e as dificuldades na sala de aula. Exemplificando, podemos citar o fato de uma criança que precisa fazer um exame de vista, mas a família não se mobiliza. Então, a escola busca sempre convocar a família como forma de promover a união e um bom trabalho em conjunto, para conseguir cada vez mais melhorar as condições de aprendizagem.

Ao serem abordados sobre a reprovação escolar com a finalidade de verificar

quais ações a escola realiza para evitar esse acontecimento, a pedagoga e o coordenador, juntos, pontuaram cinco estratégias que a escola adota para efetivar aprendizagem significativa na vida escolar do estudante:

- *Projeto de reforço.*
- *Acompanhamento pedagógico (Programa da Secretaria Municipal de Educação).*
- *Sala de recurso.*
- *Intervenção do professor em sala de aula com agrupamento.*
- *Atividades diferenciadas.*

Ao serem questionados sobre quais ações são feitas caso o estudante reprove, mesmo diante das estratégias adotadas para evitar esse acontecimento, a pedagoga afirmou que, de imediato, realiza uma investigação para entender as causas dessa reprovação. A partir disso, é feito um plano individual com o estudante e a maioria desses casos não envolve o processo de aprendizagem, mas a quantidade de faltas.

Na discussão com a gestão, foi questionado se os professores relatam as dificuldades encontradas pelos estudantes e fazem registro sobre isso. Todos afirmaram que sim, que no planejamento coletivo, é feito um estudo de caso e, a partir disso, planeja-se intervenções conjuntas entre os professores das turmas. Essas informações são registradas em Atas. Outro ponto citado pela instituição é sobre as constantes faltas de alguns estudantes.

Portanto, com as entrevistas, foi possível identificar que as famílias não dedicam tempo adequado e não fazem parte constantemente da vida escolar da criança. Mesmo que 95% das pessoas que responderam às perguntas sejam membros do ambiente escolar e, conseqüentemente, observam a rotina e o trabalho pedagógico, não compreendem, de fato, a importância da sua participação no desenvolvimento da criança, não percebem que isso pode influenciar de forma positiva ou negativa no processo de aprendizagem.

Ao analisar os dados, foi possível notar que as mães que são donas de casa conseguem, de fato, dar mais atenção à vida escolar dos filhos, mas também foi possível concluir que aquelas que trabalham só meio período e no horário em que a criança está na escola, no outro período, portanto, o responsável está em casa com a criança. Apenas uma mãe afirmou trabalhar o dia todo e deixar a filha com a tia. Ainda pode-se inferir que falta mais iniciativa dos responsáveis para auxiliar e conhecer a realidade do educando, investigar se a criança apresenta alguma dificuldade e se está se apropriando adequadamente dos conhecimentos necessários para sua formação.

Dificuldades encontradas no percurso da pesquisa

Durante o percurso, foi possível encontrar diferentes dificuldades a serem enfrentadas. A princípio, nosso objetivo era executar a pesquisa em uma única escola do município, visto que havia necessidade de tempo para acolher as famílias e ouvi-las. Também se tinha o objetivo de realizar uma entrevista com a gestão para verificar quais ações a escola propõe para estabelecer a participação dos familiares no ambiente escolar.

A instituição solicitada para fazer parte do estudo aceitou a proposta, mas não ofereceu suporte nenhum para executar o trabalho. Foi solicitado à gestão o envio de um convite aos responsáveis sobre o tema de estudo. A pedagoga da instituição permitiu, assim, foi feita a entrega dos convites e esperada a presença dos responsáveis para a entrevista. Porém, na sequência, foi notada a falta de importância dada pela escola à questão, já que os pais não compareceram no dia estabelecido. Contudo, a pesquisa foi realizada com alguns responsáveis que trabalham dentro da própria instituição.

A partir disso, foi preciso procurar outra instituição para dar continuidade ao trabalho. Por outro lado, a escola nomeada de B, adotou a pesquisa e recebeu os participantes muito bem, respondeu a entrevista e ofereceu apoio para o contato com as famílias, embora também tenha relatado sobre a dificuldade de estabelecer vínculo com elas. Como esperado, não houve tanto sucesso, mas foi possível a participação de algumas famílias do ambiente externo, como também do interno.

Todavia, foi necessário lidar com uma situação de descaso de um pai que simplesmente não só rejeitou participar, mas destinou tempo para conduzir um diálogo agressivo, com comportamento alterado, deixando claro que perdeu tempo. Esse comportamento persistiu mesmo sendo explicado, muitas vezes, que foi feito um convite e não uma intimação.

Desde o início, era sabido das dificuldades que o tema poderia proporcionar, porém houve surpresa, pois não era esperado que seria tão complicado. O distanciamento familiar no processo de formação dos filhos se mostrou evidente por vários motivos: por falta de tempo ou até mesmo por acharem que não é necessário o seu envolvimento nesse processo. Assim, dadas as limitações da pesquisa, fica clara a necessidade de outros trabalhos darem continuidade ao estudo sobre a problemática

apresentada.

Considerações Finais

Ao final deste trabalho, foi possível comprovar, por meio da coleta de dados das instituições entrevistadas, que há distanciamento familiar na formação escolar. Contudo, também é possível afirmar que a escola apresenta dificuldades de encontrar estratégias para estabelecer devidamente a participação e o bom relacionamento com as famílias. Essa afirmação foi possível principalmente quando a escola A deixou mais perguntas do que respostas à pesquisa.

Com vista aos resultados da entrevista, foi possível fazer alguns questionamentos. De um total de 90 convites enviados, obteve-se apenas oito respostas, o que causou espanto e reforçou ainda mais a importância da problemática da pesquisa e do tema presente. Outro ponto é que, das oito pessoas que responderam, cinco delas trabalham nas instituições na qual a pesquisa foi feita. Aqui, entra outra indagação: se essas pessoas que responderam não trabalhassem na escola, o resultado seria o mesmo?

No início, era esperado que seria um enorme desafio questionar sobre o tema proposto e o quanto seria difícil o contato com as famílias para o estudo em campo, porém foi mais desafiador do que imaginado. Ao lidar com a equipe escolar, em específico a instituição A, houve frustração, pois não foi disponibilizado tempo e atenção para responder à entrevista. De um ambiente com profissionais da mesma área em que os entrevistadores vão atuar, esperava-se mais abertura e receptividade ao estudo.

Ambas as escolas relataram sobre a constante luta que é ter a presença da família na instituição, entretanto afirmaram que buscam estabelecer contato, pois reconhecem o seu papel diante da sociedade. Além disso, a escola B, que respondeu à entrevista, promove projetos para tentar cativar a participação dos responsáveis na instituição.

Em virtude disso, foi possível ver o quanto tem sido complicado lidar com algumas famílias, pois há aqueles responsáveis que fazem o papel com excelência, outros não, e deixam a desejar em muitos aspectos primordiais para a educação dos próprios filhos. Como exemplo, a partir dos resultados que foram obtidos das entrevistas, nem todas as pessoas disseram que têm o hábito de sentar com o filho para fazer as atividades.

A escola busca os meios para o contato mais próximo, contudo se percebeu que

há ainda ignorância, por parte de alguns pais, quanto à compreensão de que a sua participação pode promover mudanças significativas na educação dos filhos. Conclui-se, então, que falta a família compreender a função diante dos filhos e da escola, e compreender o quão importante é disponibilizar tempo de qualidade para as crianças. Ademais, é notório ver muitos grupos familiares deixando toda a função de educar para a instituição escolar, o que torna esse contexto ainda mais preocupante.

Ao analisar os resultados da pesquisa, verificou-se que é difícil definir, ao certo, como transformar essa realidade e suprir a ausência da família no ambiente escolar. Sabe-se que projetos mais concretos e ações pedagógicas de inclusão dos responsáveis precisam ser criados e fortalecidos.

De acordo com a entrevista realizada, o trabalho dos responsáveis é o que mais tem provocado e movido esse afastamento, pois precisam manter o sustento da casa, ir à escola significa faltar ao trabalho. Essa situação, por vezes, pode ter, como consequência, a perda de suas cestas básicas, entre outros benefícios que são dados pelas empresas. Então, fica o questionamento: o que poderia ser feito dentro desse cenário? Como a escola pode estimular a participação no processo de ensino aprendizagem da criança, sem intervir e afetar o trabalho dos familiares?

São questionamentos que levam ao fim essa pesquisa, mas há o conhecimento de que a falta da família pode ser um contribuinte para o fracasso escolar, pois é significativa a presença do vínculo família e escola como principal eixo de referência para o sujeito em formação.

Referências

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2001.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: ECA. Brasília, Distrito Federal: Senado, 1990.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CARVALHO, M. E. P. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.110, p. 143-155, jul. 2000.

CREPALDI, E. M. F. A importância da família na escola para a construção do

desenvolvimento do aluno. **Educere**. XIII Congresso Nacional de Educação. Formação de professores: contextos, sentidos e práticas. 2017. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/57849406-A-importancia-da-familia-na-escola-para-a-construcao-do-desenvolvimento-do-aluno.html>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. Introdução. In: KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira, a base de tudo**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unicef, 2004.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino**: a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2000.

SANTOS, C. **A influência do vínculo afetivo na prática pedagógica da Educação Especial**. 2014. 61 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

SOARES, A. F. **A participação da família no processo ensino-aprendizagem**. 2010. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Alvorada.

TIBA, I. **Quem ama, educa!** São Paulo: Gente, 2002.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de pesquisa**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011. Disponível em: <http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB3_2013-2/Modulo_1/Metodologia_Pesquisa/material_didatico/Livro-texto%20metodologia.PDF>. Acesso em: 10 jun. 2022.